

MAS BAH, TCHÊ! IDIOMATISMO E REGIONALISMO COMO MARCA DE DIFERENCIAÇÃO IDENTITÁRIA⁴¹

Maria Eugenia Malheiros Poulet
Université Lumière Lyon 2
marge.poulet@orange.fr

RESUMO: Este estudo aponta para um aspecto da fraseologia regional como via de pesquisa para ensino da língua como veículo de cultura. Assim, o estudo das expressões idiomáticas regionais brasileiras poderá despertar um interesse, não somente sobre fatos linguísticos, mas também sobre a diversidade cultural do Brasil. Certas expressões do idiomatismo diatópico apelam para memória discursiva ligada aos contextos socioculturais históricos e geográficos. A maior parte das expressões idiomáticas regionais são culturalmente conotadas e, como língua e cultura estão mutuamente embricadas, adotamos neste estudo, a abordagem sociolinguística numa perspectiva semântica, pragmática e etimológica. Como ilustração de nossa abordagem, apresentamos o emprego e a origem de certas expressões idiomáticas, originárias de diferentes regiões brasileiras, focalizando-nos principalmente nas expressões do Rio Grande do Sul como marca de diferenciação identitária. Nossa pesquisa foi feita a partir de consultas de informantes nativos, de dicionários regionais, mas igualmente a partir da Internet.

PALAVRAS-CHAVE: Idiomatismo. Regionalismo. Fraseologia. Expressões idiomáticas. Diversidade cultural. Língua e cultura. Sociolinguística. Semântica. Pragmática. Etimologia.

⁴¹ Comunicação apresentada durante o Colóquio *L'idiomaticité dans les langues romanes* (11-12/12/2009), organizado no âmbito da Equipe : « Approches comparatives des langues romanes : discours, lexique, grammaire » do Laboratório de Estudos Românicos. EA 4385, dirigido por Maria Helena Carreira, Universidade de Paris 8.

RÉSUMÉ: Dans la présente étude, nous abordons un aspect de la phraséologie régionale en tant que recherche sur l'enseignement de la langue comme véhicule de culture. Ainsi, l'étude des expressions idiomatiques régionales brésiliennes pourra réveiller un intérêt, non seulement sur des faits linguistiques, mais également sur la diversité culturelle du Brésil. Certaines expressions de l'idiomatisme diatopique font appel à la mémoire discursive liée aux contextes socioculturels historiques et géographiques. La plupart des expressions idiomatiques régionales sont culturellement connotées et, comme langue et culture sont mutuellement imbriquées, nous adoptons, dans cette étude, une approche sociolinguistique dans une perspective sémantique, pragmatique et étymologique. Pour illustrer notre propos, nous présentons l'emploi et l'origine de certaines expressions idiomatiques originaires de différentes régions brésiliennes, en nous focalisant principalement sur les expressions du *Rio Grande do Sul* comme marque de différenciation identitaire. Notre recherche a été basée à partir de consultations personnelles auprès des natifs, de dictionnaires d'expressions régionales, mais aussi à partir de l'Internet.

MOTS CLÉS: Idiomatisme. Régionalisme. Phraséologie. Expressions idiomatiques. Diversité culturelle. Langue et culture. Sociolinguistique. Sémantique. Pragmatique. Étymologie.

A idiomaticidade encontra-se em todos níveis da expressão da linguagem: no nível prosódico (sotaques, certas entonações regionais), no nível lexicológico (frequência e atualização do vocabulário ou de certas expressões), no nível morfossintático (grau de regularização estrutural, no nível semântico (expressões idiomáticas figuradas, ditados populares e provérbios) ou no nível pragmático (modos de falar como marca identitária ou com uma intenção específica).

Neste trabalho vamos focalizar certas expressões idiomáticas regionais como marca de identificação identitária.

Uma expressão idiomática pode apresentar-se como sendo uma lexia simples, mas em geral são as lexias complexas ou as lexias textuais que fazem parte do repertório destas expressões. Elas representam uma combinação fixa de palavras onde cada elemento perde seu sentido próprio para propor um sentido global, sentido figurado e conotativo, em geral. Uma expressão idiomática regional adquire uma conotação transmitida pela tradição cultural e histórica. Certas

expressões figuradas fazem referência a uma noção reconhecida por uma coletividade, muito mais do que pela verossimilhança da relação entre uma imagem e o sentido produzido através desta imagem.

1. Brazilianismos

Antes de abordarmos este tema, parece-nos importante começar situando o português do Brasil como uma variante da língua portuguesa em relação ao português de Portugal pois, segundo alguns dicionários portugueses ou brasileiros, certos vocábulos e expressões são indicados como « *lusismos* » ou « *brasilianismos* ». Nos dicionários brasileiros, encontramos também a categoria ou a classificação « *regionalismo* », e às vezes a região ou as regiões onde estas expressões são usadas.

Sem entrar na questão da lusofonia, pode-se afirmar que este fenômeno existe igualmente em relação a outras línguas faladas por populações de regiões e de culturas diferentes (hispanofonia, anglofonia, francofonia).

Observemos que no Brasil o emprego dos « *brasilianismos* » na literatura tornou-se símbolo de identidade nacional, primeiramente com o romantismo. Motivados pelo contexto histórico da independência, escritores como José de Alencar ou Gonçalves Dias, entre outros, não hesitaram em empregar expressões de origem indígena ou construções sintáticas utilizadas no Brasil, em suas obras.

Mas foi com o Modernismo que o discurso literário foi impregnado de características nacionalistas e de ruptura linguística, com Oswald de Andrade e Mário de Andrade, entre outros. Com Macunaíma, Mário de Andrade transformou a língua literária, obra escrita numa linguagem exagerada em idiomatismos, às vezes de compreensão difícil fora do seu contexto.

Entretanto, foi através do movimento regionalista, iniciado por Gilberto Freyre, que escritores do Nordeste e do Sul, principalmente, ficaram mais próximos da língua oral, falada no Brasil, dando uma cor local a seus textos. José Lins do Rego e Graciliano Ramos (Recife), Jorge Amado (Bahia) ou Érico Veríssimo (Rio Grande do

Sul), e antes destes Simões Lopes Neto, para citar alguns exemplos, sem falar dos neologismos idiomáticos de um Guimarães Rosa.

2. Regionalismos

O idiomatismo diatópico põe em evidência certas expressões que apelam para memória discursiva ligada aos contextos sócio-culturais históricos e geográficos.

Antônio Houaiss, em *O Português no Brasil*, Ed. Revan, Rio de Janeiro, 1992, p. 16, comenta:

O nosso vernáculo comum é uma unidade que convive com rica diversidade de unidades menores, todas – no uso brasileiro – entre si intercomunicantes, quando seus usuários « generalizam », em lugar de « particularizarem » suas falas, o gaúcho (com unidades por sua vez menores), o nordestino paraibano, pernambucano, alagoano, bahiano, etc, o nortista, o sertanejo » ... há aí um tipo de oposição de unidade versus diversidade que é intrínscio aos fenômenos culturais.

As expressões regionais são facilmente reconhecidas por locutores de uma mesma comunidade linguística mais vasta. São subconjuntos de um conjunto coerente e sistemático. Estas expressões, ao mesmo tempo que transmitem nuances, não modificam a língua na sua própria natureza.

Celso CUNHA (1984 : 4) propõe uma diferença entre « dialeto » e « falares » ; e emprega a noção de « dialeto » para classificar os diferentes regionalismos. Entretanto preferimos adotar aqui a definição de « falares locais ».

As expressões idiomáticas, tendo uma origem a partir de fatos históricos ou socioeconômicos, são o fruto da tradição e nascem também a partir do imaginário popular, como as lendas e contos mas às vezes parece-nos difícil determinar suas origens.

Estas expressões pressupõem saberes culturais compartilhados pois o destinatário, que fala a mesma língua, consegue mais ou menos

identificar o falar regional de seu interlocutor mesmo quando ele próprio não tem o hábito de empregar a expressão.

Claudia Maria XATARA e Huéinton Cassiano RIVA (2005), em *A linguagem idiomática organizada em pares dicotômicos*, observam igualmente que:

Para os brasileiros, especificamente, as dificuldades no uso dos idiomatismos se concentram nas diferenças linguísticas regionais, pois diferentes estados da federação podem apresentar grande número de variantes, seja na comunicação, seja no ensino ou na aprendizagem do português. Para o estrangeiro, ou mesmo para as crianças no início da aprendizagem da própria língua materna, o maior problema está na dificuldade de decodificar o sentido conotativo da Expressão Idiomática.

Como dissemos, as expressões idiomáticas regionais são culturalmente conotadas e como língua e cultura estão mutualmente embricadas, adotaremos neste estudo, a abordagem sociolinguística numa perspectiva semântica, pragmática e etimológica.

– A **perspectiva semântica** está ligada ao sentido da expressão, o aspecto referencial sendo caracterizado pela conotação regionalista. Certos fatores de graus de idiomaticidade podem esclarecer a compreensão do sentido destas expressões como a lexicalização, o sentido figurado ou implícito.

Bernard POTTIER (*Linguistique générale*, 1974 :76), falando da extensão social do virtuemá, afirma que « *la virtualité peut être commune à tous les individus d'un groupe, ou limitée à un sous-ensemble, ou être individuelle* ». No caso do regionalismo, diremos que a virtualidade é comum a um subconjunto, mas que pode ser igualmente reconhecida por todos os indivíduos do conjunto (país) que contém este subconjunto (regiões).

– A **perspectiva pragmática** diz respeito às intenções do locutor, à sua força ilocucionária, em relação ao uso e ao contexto

sociocultural do emprego do regionalismo pelos habitantes de uma comunidade linguística específica.

- **A perspectiva etimológica** é oriunda do contexto histórico, da criação do regionalismo. A natureza da composição do sentido literal ou explícito aparece através da pesquisa sobre a origem da criação destas expressões.

Segundo Alain REY, saber a origem de certas expressões nem sempre esclarece o seu sentido pois tais expressões são tão dessemantizadas que o locutor só conhece o sentido figurado ou corrente e pode até inventar uma origem:

Tous les français savent aujourd’hui qu’ « en avoir ras le bol » c’est « en avoir assez » ; - écrit Rey (1977 :1993) – beaucoup s’interrogent sur l’adverbe « ras », sur le « bol » ; la plupart y trouvent des significations variables, mais compatibles avec ces mots. (In Charlotte SCHAPIRA, *Les stéréotypes en français : proverbes et autres formules*, Ed.Ophrys, Paris, 1999, p. 40).

A busca etimológica terá aqui como objetivo a introdução de um tema cultural ou de civilização no ensino/aprendizagem do português norma brasileira, tanto enquanto língua materna como língua estrangeira.

Nestas três perspectivas, língua e discurso funcionam em colaboração: o discurso pelo uso e criação, a língua pela receptividade e reconhecimento da lexicalização :

...on peut poser à titre d’hypothèse que tout étude de la phraséologie conduit à intégrer les résultats de l’analyse syntagmatique et sémantique dans une perspective pragmatique. En effet, celle-ci intervient obligatoirement dès qu’on évoque la genèse et l’énonciation des locutions, y compris l’énonciation autonymique avec ses effets connotatifs, ou bien la compréhension socioculturelle de ces locutions. Cette prise en compte sociolinguistique et sémiotique est en particulier indispensable pour étudier la phraséologie du

point de vue de l'apprentissage. (Alain REY, « Phraséologie et pragmatique », in *La locution entre langue et usages*, Martins-Baltar org., ENS Editions, Fontenay/Saint-Cloud, 1997, p. 334)

Uma expressão lexicalizada é muitas vezes metafórica e como a metáfora, ela conta uma história de maneira econômica. É por causa deste traço sintético e econômico na comunicação, que a publicidade a utiliza abundantemente⁴²; e, como veremos, a deslexicalização, através da pesquisa etimológica, permite igualmente várias leituras ao mesmo tempo, pois estas expressões são providas de um feixe de significações virtuais que se atualizam no discurso.

Privilegiando a perspectiva etimológica, vejamos o emprego e a origem de certas expressões idiomáticas, originárias de diferentes regiões brasileiras, onde fatos históricos e curiosidades vão sendo revelados:

« *CABRA DA PESTE* »

Sentido e uso da expressão: homem corajoso ou insulto a uma pessoa insolente, apelação ou expressão negativa ou positiva, segundo o contexto. Empregada no Nordeste principalmente. **Origem:** *cabra*: denominação dada aos índios pelo navegadores portugueses, no século XVI; *peste*: indivíduo que suportou todos os sofrimentos da vida ou expressão ligada à associação da cabra com o diabo.

« *SANTA DO PAU OCO* »

Sentido e uso da expressão: pessoa falsa, hipócrita, que finge ser gentil, insulto, geralmente usada no feminino. Estado de Minas Gerais inicialmente e Brasil em geral.

⁴² In MALHEIROS POULET, Maria Eugênia, «Figement et transgression comme processus de construction de sens», *Textures n° 14 : Transgressions*, org. J-Ch. Margotton, Université Lumière Lyon 2, 2005, p. 35-46.

Origem: estátua de santa escultada em madeira oca.

Na época do ciclo econômico do ouro e das pedras preciosas, no século XVIII, os contrabandistas escondiam ouro em pó, moedas e pedras preciosas nas estátuas dos santos, recheados com riquezas para evitar de pagar os impostos que se tornavam cada vez mais altos e abusivos. Época da arquitetura barroca no Brasil, quando os altares e as estátuas das igrejas eram cobertas de ouro e de pedras preciosas. Estas estátuas eram enviadas a Portugal como presentes piedosos.

« *TÁ DE CALUNDU* »

Sentido e uso da expressão: estar zangado, estar de mau humor. Estado da Bahia.

Origem: Segundo o dicionário *Aurélio* (1975), a palavra *Calundu* é de origem africana e vem de *kilundu*, um ser sobrenatural que dirige os destinos humanos, entrando no corpo de uma pessoa, este ser a torna triste, nostálgica e de mau humor. Influência africana, do tempo da escravatura.

« *AFINAR O CABELO* »

Sentido e uso da expressão: progredir na vida, mudar para uma vida melhor. Estado do Ceará.

Origem: alisar os cabelos. Certamente trata-se de uma referência à teoria do « *branqueamento* »: mestiçagem dos negros (cabelos crespos) com os europeus (cabelos lisos).

A marca discursiva do outro é a experiência da alteridade na linguagem. Observemos que se trata de uma forma de falar a mesma língua, mas de maneira diferente. Trata-se pois de uma realização particular fazendo parte de um grupo ou de um coletividade regional.

Ao contrário da confrontação entre duas línguas estrangeiras, como é o caso para a tradução de certas expressões, estas funcionam como marcas de identidade reconhecidas pelos nativos, compreendidas em geral pelo contexto, mas que servem para significar a

origem regional na maior parte dos casos. Estas expressões estão inseridas igualmente em outros traços salientes regionais como o sotaque, o léxico e a sintaxe, principalmente na língua falada :

Chaque locuteur a sa propre connaissance linguistique (idiolecte). En même temps, toutes les langues du monde ont des affinités (...) D'où les deux tendances des linguistes : vers la dialectologie de plus en plus fine, ou vers les universaux. (POTTIER : 1987 :16)

Uma das consequências devido à diversidade dos idioletos no Brasil é a quantidade de dicionários que existem para cada região : *Dicionário de termos nordestinos*, *Dicionário caipirês paulista*, *Expressões do Ceará*, *Dicionário do Porto-Alegre*, *Dicionário do Gauchês*, *Dicionário do Bahianês*, *Dicionário do Mineirês*, *Dicionário Tocantinense*, etc (cf. bibliografia). Cada brasileiro sente-se orgulhoso em guardar as marcas de sua região.

Entretanto, por causa dos preconceitos linguísticos, a língua tem tendência a se padronizar através da imprensa, da televisão (novelas) e agora pela Internet. No Brasil existem dois movimentos: o nacionalismo e o regionalismo ao mesmo tempo. Trata-se da unidade na diversidade, como para outras línguas.

Nossa pesquisa sobre idiomatismos regionais brasileiros foi feita a partir de consultas de informantes, de dicionários regionais, mas igualmente por Internet. Através da consulta por Internet nos demos conta da quantidade de Blogs, de Tchats, de redes eletrônicas nas quais os internautas se interessam especialmente pelas expressões regionais e trocam saberes e curiosidades. As expressões idiomáticas tornaram-se assunto de conversa na web.

Certas expressões que circulam graças à mídia perderam portanto o grau de idiomaticidade regional por serem usadas pela maioria dos locutores brasileiros:

Ficar uma arara: ficar furioso; gritar como uma arara (por analogia).

Ver passarinho verde: demonstrar alegria sem motivo aparente. Esta expressão vem da lenda segundo a qual os Periquitos verdes traziam mensagens para os namorados.

A noção de grau de idiomaticidade pode ser definida, não somente pelo critério de lexicalização mas igualmente pelo uso, que pode ser generalizado a todo o país ou pertencer a uma parte de uma comunidade linguística. É o caso das diferenças entre brasilianismos e regionalismos brasileiros.

3. O falar GAÚCHO

Como vimos, os regionalismos linguísticos são expressões idiomáticas que transmitem a cultura local. Estas expressões representam também uma marca de identidade territorial e podem se transformar em índices de reivindicação identitária.

O falar gaúcho, entre outros falares regionais brasileiros, é o reflexo da cultura desta região. Numa perspectiva pragmática, o uso destas expressões idiomáticas regionais veicula também uma intenção de marcar uma diferenciação.

Levando em conta sua situação geográfica e o tipo de economia, baseada no gado introduzido pelos missionários jesuíticos, o Rio Grande do Sul teve uma história particular em relação a outras regiões brasileiras.

Segundo o Tratado de Tordesilhas, a maior parte das terras desta região deveriam pertencer aos espanhóis, mas a colonização do RGS era cobiçada também pelos portugueses: pois era uma região estratégica, que servia de base para a expansão do domínio da coroa portuguesa, na região do Prata.

Por estas razões, até o século XIX, esta região foi disputada entre portugueses e espanhóis (guerra Guaranítica por causa das missões jesuíticas) e, depois, entre argentinos, uruguaios e brasileiros.

O substrato étnico do gaúcho é formado de índios guaranis, de espanhóis e de bandeirantes portugueses vindos de São Paulo e, mais tarde, de escravos africanos. No século XIX, a imigração alemã e

italiana, principalmente, veio enriquecer o tipo humano desta região⁴³.

O Rio Grande do Sul esteve praticamente em guerra durante quase dois séculos. Neste contexto, o gaúcho adquiriu a reputação de homem livre ‘errante’ sem destino, que cavalgava as vastas planícies do pampa. Durante a época colonial os gaúchos eram chamados de « guascas » e depois de « gaudérios ».

A origem da palavra **gaúcho** é imprecisa (do quechua « *huacchu* » ou do caló « *gacho* », dialeto cigano espanhol). No início depreciativo (povo de vida nômade e aventureira, ladrão de gado e contrabandista), esta expressão tornou-se símbolo de bravura, de coragem e de hospitalidade.

Atualmente este termo designa os habitantes do Estado do Rio Grande do Sul, mas o gaúcho ou o « *gaucho* » (em espanhol) é mais conhecido como o habitante do pampa, campanha das regiões da bacia do Rio da Prata, na junção entre o Brasil, Argentina e Uruguai.

Observemos, entretanto um fato curioso que se deu a partir da expressão: ***gaúcho macho***.

O funcionamento semântico desta lexia, quase lexicalizada pelo uso e pelo tradicionalismo, evoluiu ainda uma vez mais. Com a revalorização, o termo ***gaúcho macho*** era uma denominação redundante (colocação autonímica), sinônimo de « homem corajoso », tão cantado e empregado na época dos tempos das guerras fronteiriças e até mesmo atualmente, no âmbito dos Centros de Tradições Gaúchas, os CTGs.

Aparecem ditados populares exagerados, como:

- ***Gaúcho macho não come mel, mastiga abelha.***
- ***Gaúcho macho e grosso não come carne, rói osso!***

Além do culto do passado histórico e a conservação dos hábitos da cultura rural, a principal intenção dos CTGs era, acima de tudo, uma vontade de reabilitar a reputação do gaúcho: em vez de « gaudério (contrabandista e ladrão), é a bravura do homem que lutou

⁴³ Mais tarde sírio-libaneses e eslavos.

pelas fronteiras do Brasil cuja lembrança deve ficar na memória do povo.

Entretanto, por discriminação, *macho* vai designar o seu contrário. O genérico gaúcho ou homem da fronteira foi vítima de seu próprio machismo⁴⁴. A expressão « *Gaúcho macho* » adquiriu uma conotação pejorativa discriminativa, que resulta numa inversão do sentido do termo « *macho* » por denominação antonímica. Atualmente esta expressão, espalhada por todo o Brasil, faz alusão a um conjunto de anedotas picantes sobre o falso machismo do gaúcho (talvez por influência dos programas humorísticos divulgados na televisão e agora também pela Internet).

Observemos que o termo para designar a mulher « *a china* » (do quichua « *tchina* », fêmea) ou a « *chinoca* » foi adquirindo igualmente vários sentidos. *China*, que designava inicialmente mulher de origem indígena ou mestiça de índio e de português, tomou um sentido pejorativo (prostituta) e mais tarde tornou-se símbolo da mulher do gaúcho, pilar da família, na época em que os homens iam lutar nas guerras (Cf. a personagem de *Bibiana* criada por Érico Veríssimo, em « *O tempo e o vento* ». O termo « *prenda* » (jóia, presente) é também empregado para designar a mulher do *gaúcho*, aparece nas canções e poesias de tradição folclórica « *prenda minha* ».

Apesar das discriminações, com o desenvolvimento dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), todo o Estado do Rio Grande do Sul foi impregnado do sentimento tradicionalista. Paradoxalmente, o movimento tradicionalista teve sua origem na sociedade urbana. Este movimento procura restabelecer e guardar os valores rurais do passado de orgulho histórico e glorioso, apesar de seus membros não serem todos de origem camponesa. Os CTGs expandiram-se, não somente nas cidades, mas também na região da colonização alemã e italiana, o que surpreendeu os tradicionalistas conservadores da campanha gaúcha.

⁴⁴ Gaúcho macho (homem do campo, corajoso e rústico) em oposição aos filhos dos fazendeiros ricos (ciclo das charqueadas) que iam estudar na Europa e voltavam com maneiras elegantes, assimiladas a uma feminilização do homem da fronteira.

A expansão do falar gaúcho no falar urbano.

Numa perspectiva etimológica, apresentamos alguns exemplos mais representativos, a partir de uma temática composicional.

Nossa escolha foi feita a partir de consultas pessoais com informantes gaúchos, através de consultas de sites Web (principalmente « a página do *gaúcho* ») e a partir de três dicionários, um dos quais diz respeito ao « Porto-Alegre », onde aparecem expressões gauchescas que fazem parte do falar urbano.

Para ilustrar este estudo, apresentamos algumas expressões idiomáticas que evocam os vestígios da influência espanhola, das missões jesuíticas, das guerras de fronteiras e finalmente da vida cotidiana das cidades fronteiriças ao Estado do Rio Grande do Sul.

EXPRESSÕES INTRODUZIDAS POR « *A LA* » :

A LA FRESCA: interjeição de surpresa;

A LA LOUCA OU A LA LOCA: de maneira não refletida;

A LAS TANTAS: a qualquer hora;

A LO GRANDE: com abundância;

A LO MENOS: a menos que...

EXPRESSÕES ESTEREOTIPADAS, QUE CARACTERIZAM O *GAÚCHO*

BARBARIDADE TCHE ! », *MAS*, *BAH*, *TCHE* : exclamação de surpresa diante de algo de extraordinário, de bom ou de ruim;

Barbaridade : ato cruel (inicialmente atos cometidos durante as guerras); expressão de surpresa;

Tchê: maneira de chamar alguém, argentino, influência do espanhol. Pode ser combinado com outras expressões: *Buenas Tchê*, saudação; *Oiga Tchê*, apelo, expressão de saudação.

TEMA DAS GUERRAS OU DAS LUTAS

A PONTA DE FACA : *sem concessão, de maneira radical*;

ESFARRAPADO QUE NEM PONCHO DE GAUDÉRIO : mal vestido, roupas rasgadas, maltrapilho; (Esta expressão faz alusão à Guerra dos *Farrapos* (1835-1845), movimento

separatista, de revolta contra o governo central por causa dos impostos abusivos sobre o couro e o charque;

Poncho: vestimenta do gaúcho no inverno, de forma ampla arredondada ou quadrada com uma abertura para a cabeça;

Gaudério: nome dado aos gaúchos que guardavam o gado e que faziam contrabando de couro e de animais;

ESBURACADO COMO PONCHO DE CALAVERA: cheio de buracos como o poncho de um cadáver (alusão às guerras) ;

MAIS FEIO QUE PARAGUAIO BALEADO: alusão à guerra do Paraguai. Tríplice Aliança : Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, 1865 a 1870.

TEMA DE HÁBITOS ALIMENTARES: « erva mate » que serve para fazer o « *Mate* » chamado também de « *chimarrão* ». Bebida tradicional do gaúcho que simboliza a fraternidade e a hospitalidade.

AMANSAR O MATE: domesticar, preparar o mate ;

AQUESTAR ÁGUA PARA O MATE DOS OUTROS: trabalhar para os outros ;

AMARGA COMO ERVA DE CAÚNA (Do tupi *kaa'una*) muito amargo;

POR CIMA DA CARNE SECA: vencer na vida;

SECO COMO CHARQUE VELHO ESQUECIDO NO VARAL: muito seco;

A exportação para outras regiões do couro, e mais tarde da carne seca, desenvolveu-se no século XVII no Rio Grande do Sul;

TOMA MAIS UM MATE, TCHE: convite para ficar mais um pouco quando alguém manifesta o desejo de ir embora.

TEMA DA VESTIMENTA: « poncho », do *quechua*, usado em quase toda a América Latina, abrigo por causa do vento frio das planícies do pampa.

DE FACA NA BOTA: pronto para brigar;

ESFARRAPADO QUE NEM PONCHO DE GAUDÉRIO:
muito rasgado;
FORRAR O PONCHO: ganhar muito dinheiro;
POR BAIXO DO PONCHO: escondido, de contrabando.

EXPRESSÕES RELATIVAS AO CAVALO⁴⁵

O homem gaúcho tem a reputação de ser excelente cavaleiro e de ter uma relação afetiva com o seu cavalo. Durante os períodos de conflito, os gaúchos eram chamados de centauros porque lutavam a cavalo. Na literatura do RS, o cavalo sempre foi um tema privilegiado (cf. o romance de Moacyr SCLiar « *Um centauro no jardim* »).

A LAÇO E ESPORA: com muita dificuldade;
AGUENTAR O TIRÃO: suportar as dificuldades, os problemas;
ABRIR CANCHA: ceder a passagem;
CAVALO DE BRIGAR DE FACA: cavalo de grande qualidade ;
NA PONTA DOS CASCOS: pronto para partir;
PELO DURO: mestiço de índio e de português;
TOCAR O PETIÇO: apressar-se.

Os empréstimos hispânicos, além de serem empregados nas fronteiras, foram também divulgados por todo o estado do Rio Grande do Sul. É comum ouvir os habitantes deste Estado se dirigirem ao seu interlocutor utilizando a expressão : « *buenas tchê* ».

Conclusão

Segundo GREIMAS (1960:42), «*est idiomatique tout ce qui est propre à une langue*». A partir desta definição diremos que a

⁴⁵« Já então significando apenas um nome gentílico, que se estenderia a todos os riograndenses, o vocábulo gaúcho afinal despiu-se dos primitivos laivos pejorativos para assumir um sentido encomiástico, não raro com empáfias e pavoneios ufanistas... Nada mais significativo, nesse sentido que o mito do «centauro dos pampas». (Carlos REVERBEL, *O gaúcho : aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*, Porto Alegre: LPM editores, 1986, p. 88.)

dimensão idiomática é posta em evidência através dos traços salientes que caracterizam as variantes de uma língua em relação à maneira de falar de um grupo ou de uma comunidade linguística determinada.

Através dos idiomatismos regionais, os traços singulares e os traços genéricos de uma mesma língua aparecem ao mesmo tempo.

São estas marcas de cada cultura local, refletindo as influências históricas, étnicas e culturais que moldaram os diferentes falares das populações que formaram o Brasil.

Neste estudo, privilegiamos a perspectiva etimológica para compreender melhor a origem de certas expressões idiomáticas vindas de diferentes regiões brasileiras.

No caso do falar gaúcho, as três dimensões : etimológica, semântica e pragmática serviram para pôr em evidência não somente o contexto histórico e regional mas igualmente a intenção e a força ilocucionária da expressão marcando uma reivindicação identitária.

Este estudo convida-nos a olhar para a fraseologia regional como via de pesquisa privilegiada no domínio das línguas e culturas. Assim, uma focalização sobre o ensino das expressões idiomáticas regionais pode servir para introduzir noções sobre a diversidade cultural do Brasil e ao mesmo tempo ensinar certos usos idiomáticos. Esta abordagem permite integrar o ensino da cultura e da civilização ao ensino da prática da língua, tão divulgada por Robert GALISSON :

En effet, depuis que les didacticiens perçoivent la compétence culturelle comme un ingrédient majeur de la compétence communicative, je travaille sur la culture dans la langue (le lexique en particulier), afin d'ouvrir une voie d'accès à la culture mobilisée dans les discours ordinaires, et promouvoir de la sorte un enseignement de cette culture, réellement intégré à celui de la langue. (*Les palimpsestes verbaux : des révélateurs culturels remarquables, mais peu remarqués...* In: Michel MARTINS-BALTAR, org., *La locution en discours*, Credif/Didier Erudition, Paris, 1995, p. 42.)

REFERÊNCIAS

Expressões idiomáticas e teoria linguística

AMOSSY R.; HERSCHBERG PIERROT, A. *Stéréotypes et clichés*. Paris: Nathan, 1997.

GONZALEZ Rey, *Phraséologie du français*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

MALHEIROS POULET Maria Eugênia. La réactualisation des proverbes dans la publicité. In *Textures n°1*, Revue du CEMIA, Université Lumière Lyon 2, 1995.

_____. Figement et transgression comme processus de construction de sens. In *Textures n° 14: Transgressions*, org. J-Ch. Margotton, Université Lumière Lyon 2, 2005, p. 35-46.

MARTINS-BALTAR M. (Org.) La locution en discours. *Cahiers du Français Contemporain*, Paris: Credif / Didier Erudition, 1995.

_____. *La locution entre langue et usage*. Paris: ENS Editions/Ophrys, 1997.

MEJRI, Salah (Coord.). *Cahiers de Lexicologie n° 82: Le figement lexical*. Paris: Ed. Honoré Champion, 2003.

MORTUREUX, Marie-Françoise. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Ed. SEDES, 1997.

PERRIN, Laurent. *Citation, Lexicalisation et Interprétation des Expressions. Idiomatiques*. Disponível em <www.cavi.univ-paris3.fr/ilpga/autonymie/.../perrinl.pdf>. Acesso: jun.-nov. 2009.

POTTIER, Bernard. *Linguistique générale*. Paris: Ed. Klincksieck, 1974.

_____. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1987.

SCHAPIRA, Charlotte. *Les stéréotypes en français: proverbes et autres formules*. Paris: Ed. Ophrys, 1999.

Dicionários e obras sobre a língua portuguesa / norma brasileira.

AUROUX, Sylvain ; ORLANDI PUCCINELLI, Eni ; MAZIERE, Francine. (Orgs.) *L'hyperlangue brésilienne. Langages*, Paris, n° 130, 1998.

BAGNO, Marcos. *Português brasileiro ? Um convite à pesquisa*, 4ª ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BARBADINHO NETO, Raimundo. *Tendências e constâncias da língua do modernismo*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa : Ed. J. Sá da Costa, 1984.

DA SILVA, Deonísio. *A língua nossa de cada dia*. São Paulo: Novo Século Editora, 2007.

FERRAZ PEREIRA, Aderlande. *A aplicação do rótulo brasileiro por alguns dicionários brasileiros*. Belo Horizonte : Centro Universitário. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm>>. Acesso : jun.-nov. 2009.

HOUAISS, Antônio. *O Português no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.

XATARA, Cláudia Maria ; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras : francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.

XATARA, Cláudia Maria ; RIVA, Huéinton Cassiano. A Linguagem Idiomática Organizada em Pares Dicotômicos. *Alfa*, São Paulo, 49 (2), p. 111-123, 2005. Disponível em <www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v49/v49-2/cap6-2.pdf>. Acesso : jun.-nov. 2009.

Regionalismos

ALBUQUERQUE, Gilberto. *Dicionário de Termos Nordestinos*. Disponível em <www.jessierquirino.com.br/2006/dados/dicionario.pdf>. Acesso : jun.-nov. 2009.

BASTOS, Rogério. *Tradicionalismo Gaúcho: Um Fenômeno sócio-cultural riograndense*. Disponível em <www.mtg.org.br/TradicionalismoUmfenomenosociocultural.doc>. Acesso : jun.-nov. 2009

DA ROCHA, Patrícia Graciela. O português rural da região sul do Brasil – empréstimos lexicais castelhanos. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009- ISSN 1807-5193. Disponível em <www.letramagna.com/portuguesruralsulbrasil.pdf>. Acesso : jun.-nov. 2009.

CAMARGO, Sydney; STEINBERG, Martha. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas Português-Inglês*. São Paulo : Ed. E.P.U., 1989.

CORONEL, Luiz. *O cavalo verde : causas gaúchos e relatos interioranos*. Porto Alegre: Ed. Mecenaz, 2002.

DE LAYTANO, Dante. *O linguajar gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Ed. EST, 1981.

- DE OLIVEIRA, Alberto Juvenal. *Dicionário gaúcho : termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. Porto Alegre: Ed. AGE, 2002.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. *Curso de Tradicionalismo Gaúcho*. Martins Livreiro Editor, 1995. Disponível em <<http://www.paginadogaicho.com.br/hist/crono.htm>>. Acesso : jun.-nov. 2009.
- FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de Porto-Alegres*. 8ª edição. Porto Alegre : Ed. Artes e Ofícios, 1999.
- GARCÍA, Tarcísio. *Dicionário do Ceará : palavras típicas, expressões pitorescas e como usá-las*. Fortaleza: Livro Técnico/Premius Editora, 2006.
- LARIÚ, Nivaldo. *Dicionário do Baianês, Expressões Regionais do Estado da Bahia*. Disponível em <<http://www.ibonfim.com/portal/site/conteudo/dicionarios/dicionarioBaiane s.php>>. Acesso : jun-nov. 2009.
- LESSA BARBOSA, Luís Carlos. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre/Rio de Janeiro : Globo, 1985.
- LOPES NETO, Joao Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre : Globo, 1976.
- _____. *Casos do Romualdo*. 5ª ed. Porto Alegre : Globo, 1982.
- MALHEIROS POULET, Maria Eugênia. Le gaucho brésilien, homme de la frontière ou homme sans frontières. *Textures n° 7 : Brésil, Rio de la Plata et autres rivages*, LCE/CEMIA, org . Jacques Poulet, Université Lumière Lyon 2, 2000.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Ed. EST/ICP, 1982.
- NEGRI ISQUERDO, Aparecida. *Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil*. Disponível em <www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/01-Isquerdo.pdf>. Acesso: jun-nov. 2009.
- NOGUEIRA, Rodrigo; SANTIAGO, Aluisio. *Que diabo é esse trem? Viajando pelo mineirês...* Belo Horizonte : Ed. Fonte Limpa/Casa de Artes, 2008.
- NUNES, Zeno Cardoso e NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio grande do Sul*. Porto Alegre : Martins Livreiro Editor, 1982.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Ed. Vozes : Petropolis, 1992.

PÓVOA, Liberato. *Dicionário Tocantinense de termos e expressões afins*. Disponível em <[www.dno.com.br/\(liberatopovoa\)DICIONARIOTOCANTINENSE.pdf](http://www.dno.com.br/(liberatopovoa)DICIONARIOTOCANTINENSE.pdf)>. Acesso : jun-nov. 2009.

REVERBEL, Carlos. *O Gaúcho : aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*, Ed. LPM, Porto Alegre, 1986.

ROTH, Severo. *Expressões gaúchas*. Disponível em <http://www.severoroth.com.br/site/cultura_detalhe_expressoes.asp>. Acesso: jun-nov. 2009.

SANTOS NEVES, Guilherme. *Termos e expressões populares*. Disponível em <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro63/al63002b.asp>>. Acesso: jun-nov. 2009.

SIMÕES PIRES, Felipe Gaúcho. *O Dialeto Crioulo Rio-Grandense*, disponível em <http://www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gaucho.html>. Acesso : jun-nov. 2009.